

---

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

---

**AMARÍLIS IBANEZ**

**INFÂNCIA: SAPEQUICE E POESIA**



Rio Claro  
2015

AMARÍLIS IBANEZ

INFÂNCIA: SAPEQUICE E POESIA

ORIENTADOR: ROMUALDO DIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2015

B869.1 Ibanez, Amarilis  
I12i Infância : sapequice e poesia / Amarilis Ibanez. - Rio  
Claro, 2015  
45 f. : il., figs., fots.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: Romualdo Dias

1. Poesia brasileira. 2. Manoel de Barros. 3. Literatura. I.  
Título.

Dedico esse trabalho a Manoel de Barros,  
por ter deixado tanta beleza em sua passagem por esse mundo.

*Trago o coração cheio de alegria por saber que pude compartilhar o olhar poético com várias pessoas. E a elas todas eu gostaria de agradecer (e poder abraça-las novamente, ao menos mais uma vez)!*

*Laura, Isa, Aline, Julia, Pedro, Léo, Laís, Luíz, Stela e Bruno; obrigada pelos dias compartilhados e por todo carinho.*

*A família Imperador Amarelo e ao mestre Dante meu respeito e admiração, obrigada pela troca sincera que dá corpo e consciência.*

*Agradeço especialmente o professor Romualdo que me apresentou a poesia de Manoel de Barros e me ensinou que devemos fazer da vida uma obra de arte; uma pessoa que vou lembrar todos os meus dias.*

*Também a Leticia, minha melhor amiga, que me ensinou sobre o amar e fez o trabalho de parteira me ajudando a parir esse trabalho com muita leveza.*

*Agradeço ao Kelvin, meu companheiro, que colocou meus pés no chão e trouxe luz aos meus dias.*

*Finalmente agradeço meus pais e meu irmão que são parte da minha história desde sempre.*

\_O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Italo Calvino – Cidades Invisíveis

A maior riqueza do homem  
É a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou –  
Eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que  
Abre portas,  
Puxa válvulas, que olha o relógio,  
Que compra pão as 6 horas da tarde,  
Que vai lá fora, que aponta lápis,  
Que vê a uva etc. etc.

Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso em renovar o homem usando  
Borboletas.  
(BARROS,

1996)

## RESUMO

Nosso estudo tem como objetivo fazer uma cartografia da infância na poesia de Manoel de Barros. Em nossa análise aproximamos a literatura da infância para identificarmos as marcas constitutivas do modo sapeca de ser criança. Assumimos a “sapequice” da criança como o eixo de articulação temática entre a poesia e a infância. Construimos o corpus de nosso estudo no rastreamento da obra poética de Manoel de Barros. Assumimos a literatura como “modo de vida” para compreendermos como o poeta produz em suas relações com a linguagem os recursos de ruptura frente a uma dinâmica de poder responsável pela interdição da criação. Estudamos as relações entre a poesia e a infância, com o foco colocado sobre as formas de criação da “sapequice” apoiados nas análises sobre a dimensão política da literatura. Ao rastreamos as marcas dos elementos “disruptivos” expressos em um modo sapeca de expressão por parte da poesia consideramos o inconsciente e a ideologia no texto literário como elementos constitutivos da matéria da linguagem.

**Palavras-chave:** Manoel de Barros. Sapequice. Literatura.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
<i>1 ANTES DO MERGULHO...</i> .....	<b>11</b>
<i>2 (DES) IMPORTÂNCIAS SOBRE MANOEL DE BARROS.....</i>	<b>13</b>
<i>3 MINHAS LENTES.....</i>	<b>18</b>
<i>4 POETIZANDO A VIDA .....</i>	<b>21</b>
4.1 O CAMINHO, A CAMINHADA, OS CAMINHANTES.....	23
4.2 TRANSBORDANDO O OLHAR.....	27
4.3 SUSPENSO.....	31
CONCLUSÃO.....	42
<i>REFERÊNCIAS.....</i>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO:

... Esse trabalho é fruto de um vazio imenso!

Nasceu do meu vazio uma flor bela, bela flor que me encantou...

Nasceu do corpo revirado,

Atravessado.

A poesia indiscreta que chegou e trouxe vida;

Nascimentos...

Devorei o sabor das letras,

Amargou,

Delirei,

Ri,

...

Construí um novo paladar!

Precisei encaixar grandes poesias em espaços pequenos, apertados, exercitando a elasticidade dos saberes e pensamentos, já tão atrofiados!

Por vezes, senti os olhos perdidos. Aquelas palavras criavam imagens belas, uma paisagem incomum...

E quando fiquei um pouco mais a vontade vieram as palavras me tirar para dançar!

Não é muito confortável dançar com as palavras de Manoel de Barros, muitas vezes elas nos pegam de calça curta e forçam um giro e meio na vida.

Busquei um novo olhar. Busquei mansinho, só pra me divertir.

Percebi que o que agente vê é um negocio que vai direto pra dentro... Depois pode sair ou não.

Eu sei que parece obvio, mas não é. Tem que ler isso com tom de poesia, pra parecer grandioso.

Quando vi que os meus vazios estavam cheios de graça pra cima das palavras brincantes de Manoel, me assustei, quis voltar. Tarde demais!

Era preciso por para fora, transbordar e deixar a vida tomar seu rumo depois de todo esse remelexo.

Era preciso fazer nascimentos... Palavras vindas pra dar corpo aos sentimentos.

E de alguma forma a coisa tinha que começar; para enfim, quebrar a frieza da folha em branco que engole; para criar nela caminhos a fim de mostrar a trajetória ao lado da poesia de Manoel de Barros.

E como dar voz aos afetos criados por essa leitura?

O meu descompasso me assombrou!

O fluxo entre sentimento, pensamento e ação, esse eu não encontrava em nenhuma de minhas esquinas. Por isso, a sensação é daquilo que passa... Vem, bagunça, da coceira e por fim, se perde em mim.

Fiz o que tinha que ser feito.

Abri a torneira!

Aquela fechada a muito tempo; a torneira da escrita afetiva, do corpo que borbulha e cria. Deixei a água suja, parada, estagnada escorrer até vim a água cristalina. (ROLNIK, 1993 )

Esse trabalho é um processo de limpeza...

## 1. ANTES DO MERGULHO...

Essa pesquisa surge no momento em que a palavra “Formação” se torna cada vez mais presente no percurso acadêmico, quase como uma sombra que nos assombra. Partindo daí a reflexão acerca das dinâmicas de poder que capturam nossa criatividade e por fim nos “formam”, nos impõe um padrão e assim nos tornamos mais um “indivíduo pronto e acabado”, com o olhar atrofiado. Ainda mais inquietante se tornou essa questão quando algumas experiências, fora do campo acadêmico, me permitiram refletir corporalmente sobre essa captura.

Como consequência, tudo se embarçou formando uma espécie de “nó”; um nó na garganta, um descompasso no passo, uma inquietação... Veio a necessidade de desfazer algumas imposições para afrouxar e enfim, encontrar o alívio diante dessa experiência de nos sentirmos empacados, ao modo de um entrave para o nosso processo de criação.

Pareceu-nos pertinente olhar com mais atenção a poesia, um tipo de texto que muitas vezes escapa, transpassa o racional e atinge o corpo, revelando uma experiência vivenciada a partir da leitura e por que não, a partir da escrita. A afirmação feita pelo poeta Manoel de Barros:

Quanto às funções da poesia... Creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns. [...] além disso a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs. (BARROS, 2010, p.45)

A escolha é de mergulhar na poesia do próprio Manoel de Barros, quem nos dá esse esclarecimento e confirma o quanto o estrebuchar do corpo busca o texto

poético por sua função. Nós nos colocamos caminhantes nesse percurso que nos levará ao arejamento das ideias e para a prática da cambalhota.

Manoel de Barros nos apresenta a poesia do “dês”, que é a poesia da desconstrução: “Desaprender”, “Desinventar”, “Desúteis”, “Dessaber”. Ele desconstrói a própria linguagem, desprega do comum e reveste, ocasionando assim uma verdadeira quebra com o engessamento da linguagem morta por teorias e regras. Quando percorremos entre suas peripécias linguísticas nossos olhos ganham a liberdade e assim podemos ver com a profundidade da experiência, pois ele passa uma rasteira naquilo que já sabemos e somente enquanto suspensos podemos pensar em ter experiências (LEITE, 2011).

Precisamos ir compondo um novo olhar e percorrer por um caminho invertido para poder desatar os nós. Por isso estamos propondo esta aproximação a esse elemento presente nos poemas de Manoel de Barros, que consiste no encontro entre a reviravolta na linguagem constituída pelas imagens poéticas da infância, que conduz ao modo sapeca de ser e sustenta em nós o mesmo olhar de uma criança em seu espanto diante do mundo.

## 2. (DES) IMPORTÂNCIAS SOBRE MANOEL DE BARROS

Em 19 de dezembro de 1916, no Brasil, nasce o menino Manoel Wenceslau Leite de Barros; Manoel de Barros.

Mergulhando na biografia inventada do poeta, apresentada pelo documentário “Só dez por cento é mentira – a desbiografia oficial de Manoel de Barros” (2008), descobrimos o porquê de sua inclinação à poesia.

No início do século XX, quando a fotografia era um método de reprodução da realidade, uma prova inquestionável, o pai do poeta João Wenceslau Barros ludibriou a verdade usando uma caixa velha para parecer mais alto que sua esposa Alice Pompeu de Barros no retrato fotográfico a fim de mostrar para posteridade quem era o chefe da família. Assim, como forma de castigo, Manoel de Barros nasceu poeta!

Essa é uma brincadeira, entre tantas outras que o poeta faz para falar sobre o seu encontro com a poesia. Colocando sua infância como grande responsável por isso, ele relata:

Minha infância é marcada por gestos de peixes, por entes que alçam tipo borboletas e bem-te-vis, por entes que rastejam tipo lesma, lagarto. Meu olho é marcado por árvores, por rios e cinco pessoas [...] aprendi até os sete anos só coisas que analfabetizam. (BARROS, 2010, p. 40)

Manoel de Barros afirma não ser “biografável” e também que só diz a verdade quando mente, dessa forma a vida do poeta se confunde com a suas imagens poéticas. Por muito tempo o poeta não concedeu entrevistas faladas, apenas entrevistas escritas. Müller (2010) nos esclarece que é pela razão dessa trazer muito além de informações, é a composição da consciência crítica com a elaboração estética, é o poeta se aproveitando da situação para fazer poesia. Ele mesmo confessa:

Nunca gostei de entrevistas. Só por escrito. Seria ao mesmo tempo timidez e tática para me ocultar no texto, quer dizer, fazer uma pose

de poeta [...] não creio de bom o só fornecer dados. Creio de melhor inventar. Posso dessa forma melhorar até a vida de um passarinho. (BARROS, 2010, p. 93)

Com isso, falar sobre a vida desse poeta de peripécias e cambalhotas se torna um exercício criativo; a poesia se confunde com a vida e a vida é a própria poesia. Manoel vislumbrou a vida como fenômeno estético, fazer da vida uma obra de arte para que a existência seja suportável, ele é o poeta de sua própria vida. Enche os olhos e aquece o coração quando se coloca no trecho:

Na minha vida não acontece nada. Eu não viajo, não troco de mulher, não disputo campeonato, não urino nos jardins. Essas coisas. Fico sempre parado. O que vou contar são coisas que não aconteceram. E essas são mais infinitas. Eu invento as coisas que não aconteceram. Por que se eu não inventar o que eu vou viver? O que eu vou escrever? Entretanto eu não conto mentira. Tudo que eu invento é verdadeiro. Isto seja: tudo que eu invento aconteceu no meu estar parado. [...] As pessoas que têm uma vida parada precisam de usar esses recursos. Eu uso muito. É uma coisa saudável para não morrer de tédio. E é preciso sempre aumentar o que não aconteceu. [...] eu e a minha inércia conseguimos encher todos os vazios. A minha vida parada eu vou enchendo de vento e verso. Com essa tarefa melhorou um pouco minha incompletude. (BARROS, 2010, p.166)

A arte imita a vida ou a vida imita a arte?

Manoel com um ano de idade ganhou do pai a oportunidade de crescer brincando no terreiro frente a casa, de pé no chão no meio das coisas “desimportantes”; a família se muda para uma fazenda no Pantanal. Lá Manoel aprendeu a ler a natureza. Até que aos oito se encontrou com a cartilha, porém nunca pegou gosto pela leitura. Depois, só aos 14 anos, quando ganhou de um padre, do colégio interno onde estudava, um livro de Antônio Vieira é que passou a gostar, mas não das histórias, Manoel se encantou pelas frases e ainda mais pelas incomuns.

E nesse estado de poetizar a própria vida Manoel nos conta sobre seu encontro com a leitura dos prazeres e com o gosto pelas frases no poema Jubilação (2008):



Tenho gosto de lisonjear as palavras ao modo que o Padre Vieira lisonjeava. Seria uma técnica literária do Vieira? É visto que as palavras lisonjeadas se enverdeciam para ele. Eu uso essa técnica. Eu lisonjeio as palavras. E elas até me inventam. E elas se mostram faceiras para mim. Na faceirice as palavras me oferecem todos os seus lados. Então a gente sai a vadiar com elas por todos os seus lados. Então agente sai vadiar com elas por todos os cantos do idioma. Ficamos a brincar brincadeiras e brincadeiras. Porque agente não queria informar acontecimentos. Nem contar episódios. Nem fazer histórias. Agente só gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas que aumentassem o nada. A gente não gostasse de fazer nada que não fosse de brinquedo. Essas vadiagens pelos recantos do idioma seriam só para fazer jubilação com as palavras. Tirar delas algum motivo de alegria. Uma alegria de não informar nada de nada. Seria qualquer coisa como a conversa no chão entre dois passarinhos a catar perninhas de mosca. Qualquer coisa como jogar amarelinha nas calçadas. Qualquer coisa como correr em cavalo de pau. Essas coisas. Pura jubilação sem compromisso [...] (BARROS, 2008, p.133)

Escreveu seu primeiro poema com 19 anos e publicou seu primeiro livro em 1937, chamado “Poemas concebidos sem pecado”.

Manoel passou um ano em Nova York alimentando sua poesia de quadros e filmes quando fez um curso sobre cinema e sobre pintura no Museu de Arte Moderna.

Mesmo com muitos livros escritos e a conquista de vários prêmios, sua obra era desconhecida pelo grande público. E o anonimato, ele admite, foi por culpa dele, acredita inclusive que essa inaptidão para o diálogo é que o fez poeta.

Millôr Fernandes o descobriu e começou a apresentar seu trabalho já na década de 80. Hoje o poeta é reconhecido como um dos mais originais do século. Guimarães Rosa comparou seus escritos a um ‘doce de coco’!

Mesmo com uma formação em direito Manoel parte para o Pantanal e vai ser fazendeiro na fazenda que herdou do pai. Após dez anos ele conseguiu com que a fazenda gerasse renda, podendo então ficar a toa, ou seja, “em completa disposição da poesia”, e assim se tornar um vagabundo profissional, como ele mesmo se intitula.

Manoel faleceu em 2014 com 97 anos, detestava o termo ‘terceira idade’, dizia estar vivendo sua quinta infância. Pelas manhãs ia ao seu “escritório de ser inútil” onde passava muito tempo anotando invenções com palavras, arrumando e desarrumando as frases, explorando os delírios.

Nesse exercício diário inventou seus próprios delírios, refez sua história, inventou sua existência e encheu o mundo com arte. Suas imagens verbais extrapolam os limites da palavra, o que emite um encantamento e nos dá novos olhos para enxergar o mundo, pois ele mesmo alerta que “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis, elas desejam ser olhadas de azul”...

Este modo de lidar com a vida, por meio da poesia, nos dá material para constituirmos o “corpus” de nossa pesquisa. Reconhecemos a amplitude da obra do poeta. Por isso, pretendemos delimitar o nosso percurso por meio dela através do tema da infância, enquanto uma concepção sobre o modo de ser criança, e a prática da sapequice, enquanto uma expressão de vitalidade, combinada com movimentos de criação e como as formas de estar diante do mundo regidas pela habilidade do espanto. Queremos compreender o quanto a poesia, enquanto sua linguagem

própria, no interior de uma produção discursiva, nos lança ao encontro da dimensão intensiva, nos espaços de produção da subjetividade, bem como nos lança ao encontro da dimensão intempestiva, nos espaços da produção de compreensão de mundo, enquanto sujeitos de conhecimento. Deste modo, pretendemos exercitar as relações entre poesia e sapequice, nas imagens sobre a infância, apresentadas pelo poeta, partindo daí a reflexão acerca das dinâmicas de poder que capturam nossa criatividade e por fim nos impõe um padrão.

### 3. MINHAS LENTES

A pesquisa se deu através de escolhas, dos procedimentos que compuseram minha busca. As palavras que se seguem narrarão quais as preferências feitas durante a realização deste trabalho. Quais caminhos optei seguir, quais lentes meu olhar utilizava...

Delimitamos a metodologia de pesquisa, inicialmente, por meio da abordagem de suas três dimensões. Na primeira, a dimensão da teoria do objeto, estudamos as imagens de infância presentes na poesia de Manoel de Barros. Na segunda, a dimensão da teoria geral do conhecimento, situamos nosso estudo no campo de “filosofia da diferença”. Na terceira, a dimensão dos procedimentos, fazemos uso da “cartografia” como dispositivo que nos auxilia no desenho dos territórios existenciais, estes configurados enquanto processos de subjetivação.

A cartografia, assumida enquanto procedimento de interpretação, será desenvolvida em sua articulação com uma “genealogia” e uma “arqueologia”. Compartilhamos da definição de Suely Rolnik:

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (ROLNIK, 1989, p.15)

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e

que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.

Compreendemos a genealogia e a arqueologia como auxílio no esforço de interpretação do cartógrafo. Por meio da genealogia o pesquisador trabalha no regime de visibilidade e expõe as formas, aquelas paisagens configuradas pelos sentidos em movimento. Pela arqueologia, ele opera no regime de invisibilidade, e escava no solo em busca dos sentidos de sustentação daquilo que emerge como figura. Nesta escavação o cartógrafo também busca os indícios de algo que pode se configurar, mesmo sabendo que não há garantias para a sua realização.

Entendemos que a cartografia pode se enriquecer por meio da explicitação do papel da ciência, da filosofia e da arte, enquanto recursos articulados e disponíveis para o sujeito “atravessar a caótica dos encontros”. Retomamos o texto do Professor Luiz Orlandi para nos auxiliar no esclarecimento desta compreensão sobre as contribuições da arte, da filosofia e da ciência em uma pesquisa, nesta modalidade que pretendemos assumir:

Para Deleuze e Guattari, ao lado da arte e da ciência, o pensamento filosófico é uma das ‘três grandes formas’ ou ‘vias’ de pensar. Sem hierarquias, elas são basicamente definidas pela comum tarefa de ‘enfrentar o caos’. Mas cada uma erige seu próprio e distinto plano de exercício do seu modo de pensar. Enquanto a arte pensa ‘por sensações’, traçando um ‘plano de composição’, enquanto a ciência ‘pensa por funções’, traçando um ‘plano de coordenadas’, a filosofia, ao enfrentar a caótica dos encontros, traça um ‘plano de imanência’ que se erige à medida que ela ‘pensa por conceitos’. Portanto, o aprendizado filosófico da complexidade da experiência nos expõe a uma dupla impregnação: a da própria caótica dos encontros seja lá com o que for e a do vai-e-vem vertiginoso, ‘voltiginoso’, que os conceitos exibem nos variados encontros mútuos a que são levados por problemas a que têm de corresponder. (ORLANDI, 2009)

Quando delimitamos os objetivos específicos de nossa pesquisa, nós nos apoiamos nesta síntese formulada pelo Professor Luiz Orlandi.

Pelo fato de nos compreendermos implicados nesta pesquisa, em nossa condição de sujeitos, acrescentamos ao esforço de realizar uma cartografia, a nossa atenção com o “corpo vibrátil” (Suely Rolnik), com o “corpo paradoxal” (José Gil) e

com o “corpo sem órgãos” (Gilles Deleuze). Deste modo, a análise sobre a poesia, compreendendo a literatura enquanto modo de vida, por meio da análise da obra poética de Manoel de Barros, nos desafia a conferirmos, durante todo o percurso de nosso estudo, o que se passa conosco. Estamos atentos aos modos como se configura em nós elementos de uma disposição para a habilidade do espanto frente ao mundo e para a prática da sapequice, enquanto aproximações possíveis da criança ainda em nós.

Desta forma, esta pesquisa é uma busca por pincelar afetos sobre as imagens da infância na poesia de Manoel de Barros e reconhecendo as marcas dos elementos relacionados com o plano do intensivo e intempestivo das imagens da infância que estamos em contato e relacionar poesia e sapequice, para podermos dar voz ao próprio texto poético.

Iniciamos fazendo a coleta das poesias de Manoel de Barros, partindo para degustação, lambuzando os beijos e lambendo os dedos nessa leitura onde o corpo todo é bem vindo.

## *4. POETIZANDO A VIDA ...*



Fonte: Portfólio Amanda Cass

Fazendo essa escolha de caminhar lado a lado com a poesia, não poderia deixar de registrar o efeito disso no meu cotidiano.

Os afetos que a poesia ia me causando foram ficando mais visíveis na minha forma de me relacionar.

Passando do plano do imaginário para o real, coloquei imagens poéticas na minha vida; passei a perceber a dança no

gesto e que deixamos escapar frases embelezadas pelo espanto de vez em quando...

Ativando os sentidos para a poesia da vida e na busca por fazer da vida uma poesia fui soltando o verbo preso e que coloquei nas próximas páginas é uma brincadeira; é o registro solto sobre os encontros que tive nesse percurso.

Não parecia cabível um trabalho tão sério e enquadrado depois de tantos passeios pela escrita do Manolo...

Por isso, vieram imagens que muitas vezes transbordavam pelos olhos e acabavam em uma fotografia e também a permissão ao corpo para brincar me levando a uma linda vivência com os grandes poetas da vida, as crianças!

O que é mais real?  
Meu vestido de  
Sonho que me faz  
Inteiro, onde vivo,  
Ou  
As vestes que  
Me impõem  
Uma realidade  
Estranha?

(MIRANDA)



## 4.1 O CAMINHO, A CAMINHADA, OS CAMINHANTES...

Quando dei permissão, o corpo fez sua dança e assim vivi dias de encher os olhos com tanta poesia...

Compartilho o registro de um ano de trabalho em uma escola de educação infantil com uma turma de cinco anos:

*Quem me dera  
um mapa de tesouro  
que me leve a um velho baú  
cheio de mapas do tesouro*

*(LEMINSKI, 1976)*

Gabo-me para Leminski dizendo que eu encontrei um baú cheio de mapas do tesouro, e porque não dos tesouros?!

...

Quando esse novo ano começou, celebramos o baú dos mapas, afinal, não poderíamos negar que os caminhos eram muitos.

E perceber que o percurso poderia ser sempre uma surpresa fez a caminhada ficar ainda mais interessante para todos. As crianças, com essa

expansão das possibilidades, ficaram livres para resignificarem, transformarem e criarem sobre os espaços e temas.

Iniciamos nossa caminhada buscando dar voz aos sentimentos, tentando apalpa-los para demonstrá-los, porque acreditamos que nesse espaço escolar que entendemos como estimulador do cognitivo ecoa também o som dos afetos e esses precisam receber uma atenção significativa visto que, os estímulos ao desenvolvimento intelectual se tornam mais efetivos se estiverem associados ao emocional.

Para realizar isso brincando, usamos fotos, quadros, músicas, poemas, histórias, entre outras coisas, que proporcionavam curiosidades, falas, expressões. E com isso, nos colocamos em movimento, num inconstante navegar...

O movimento sempre foi um motivador da aprendizagem e ousamos trilhar um percurso que passava pelo corpo em relação ao espaço, aprendendo a relação que há entre a escrita e o movimentar-se. Observamos linhas curvas e linhas retas pela escola e procuramos experimentar isso no corpo.

Cadeiras e mesas de pés para o ar, como eu me relaciono com isso? Transformamos também os espaços percebendo cada vez mais que qualquer lugar é um lugar para aprender. E as crianças perceberam rapidamente espaços propícios para criar, ampliando a criatividade e tendo que solucionar problemas colocados por novas situações.

Mexemos com tecidos, sucatas, papéis, papelão, cola e água, madeira, tinta, elástico, barbante, pedras, flores, argila e etc. Trabalhando o conhecimento físico e também colocando em evidencia uma experiência estética, criação da imaginação, arte pela arte.

O nosso semestre passou e permanecem até hoje nos comentários das crianças e em suas brincadeiras de faz de conta a leitura de histórias e poemas. Livros diversos habitaram nossa sala e iluminaram os olhinhos das crianças que ia buscar letras, palavras, imagens e detalhes.

Uma descoberta! A hora do sono fica muito mais legal com uma história, afinal, quem não gosta de ouvir história antes de dormir?!

As crianças usavam o espaço da folha de papel para se expressarem, em contato com histórias e poemas que proporcionaram diversas sensações, os desenhos iam se transformando. São verdadeiras poesias criancinhas de um modo sapeca de enxergar que sempre surpreende.

Demos muita importância em criar cenários variados que permitissem as crianças realizarem diferentes brincadeiras, e com isso mergulhamos em um universo cheio de possibilidades e beleza. A invenção é como uma ginástica para o pensamento, como diz o poeta Manoel de Barros: "Invento para me conhecer!". As crianças fazem isso o tempo todo e sentimos que o nosso papel de educadoras era o de potencializar isso.

As brincadeiras foram se tornando cada vez mais complexas e elaboradas, desde um 'pega-pega' com dribles incríveis para não ser pego até um faz de conta com cardápios e blocos para anotações dos pedidos e caixa registradora para realização do pagamento; é a criança se apropriando dos elementos sociais e elaborando suas relações em redes cada vez mais completas e complexas.

Um ano sem dúvida alegre e criativo, que proporcionou experiências para ambas as partes envolvidas nesse processo de aprendizagem. Um "descobri-se" a cada dia e a cada brincadeira!

Olhando as palavras de Adriana Klisys:

Adulto foge da chuva, criança corre para a chuva. O mesmo acontece diante de uma poça d'água: adulto desvia, criança acerta na mira.

(KIISSYS, 2010, p. 171)

Buscamos enfatizar no processo de aprendizagem esse modo criança de se colocar em relação com o mundo. Se jogando, molhando, sujando, vivenciando...

Todas as nossas manhãs foram momentos especiais e cada olhar e sorriso compôs essa experiência!

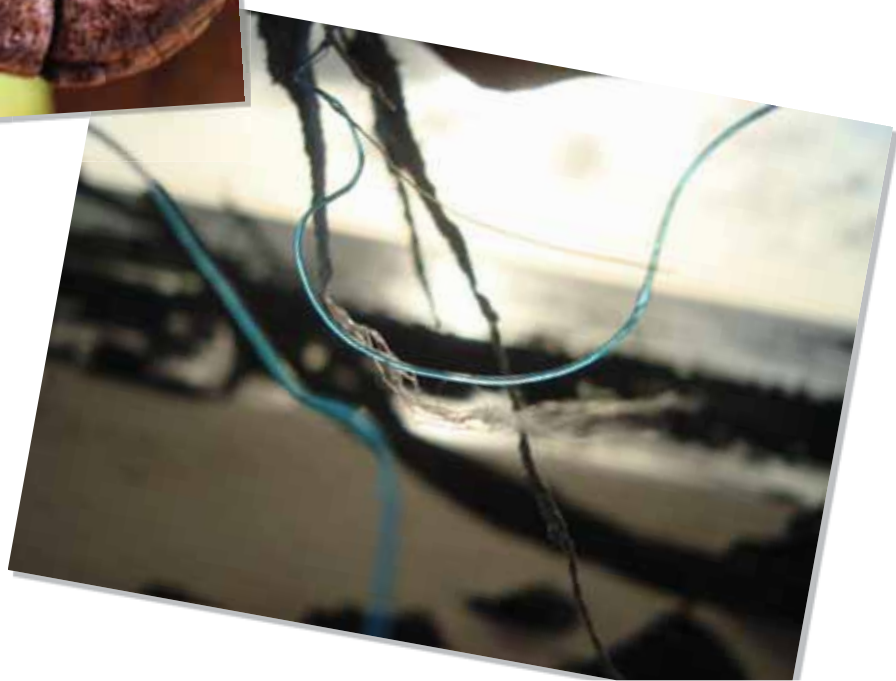
## 4.2 TRANSBORDANDO O OLHAR...

Como dar forma a sensação que nasce em nós quando lemos a poesia de Manoel de Barros?

Esse questionamento foi feito por varias pessoas e é o que podemos encontrar quando realizamos uma pesquisa sobre o poeta e seus poemas: a busca pela resposta; tentativas inúmeras, expressões sinceras de dentro para fora de diversos artistas, das mais variadas áreas; o material é vasto; músicas, desenhos, curtas, filmagens, dança, fotografias...

No momento em que entrei em contato com todo esse material me encantei pelas possibilidades e me pus na minha própria busca pela expressão artística dessa travessia pela poesia.

Quis fotografar o ínfimo de cada momento, a grandeza do pequeno, assim, nas minhas andanças, fui registrando o transbordar do meu olhar.











### 4.3 SUSPENSO...



Fonte: Portfólio Amanda Cass

#### Aventura

Achamos na beira do rio um sapo seco, e um pote.

O pote estava de barriga aberta ao sol.

(Depois eu falo do sapo.) Nas enchentes

nem quase que não entravam as águas para

dentro do pote. Por forma que o pote era seco e aberto aos ventos. Os bons ventos da tarde que entravam com areia e cisco pelo ventre aberto do pote. (Demoramos de dois anos para voltar àquele retiro.) Agora, de volta, achamos o pote tibi de emprenhado. A barriga do pote fosse agora um canteiro arrumado. Estava bom de criar. Foi que veio daí um passarinho e cagou na barriga do pote uma semente de roseira. As chuvas e os ventos deram à gravidez do pote forças de parir. E o pote pariu rosas. E esplendorado de amor ficou o pote! De amor, de poesia e de rosas. E havia perto, por acaso, um sapo destripado e seco.

A abertura do ventre do sapo também se encherá de areia e cisco. Também se fizera ele um canteiro arrumado. Foi que outro passarinho veio cuspir outra semente de rosa no ventre do sapo. E outra rosa nasceu na primavera. Foi um dia de glória para o nosso olhar. As rosas do sapo e do pote foram abençoadas de borboletas que pousavam nas roseiras. Houvemos júbilo!

Manoel de Barros

(BARROS, 2008, p.107)

De um lado para o outro... O balanço é só movimento...

Tudo tem um ritmo, o corpo se move, e o movimento cria e recria.

Nessa brincadeira de pra lá e prá cá descobri que olhar de longe e de perto faz diferença, e olhar com o corpo todo também, assim como a criança.

É a partir do retorno à ótica infantil que podemos ver o mundo sem o cansaço presente, característico da sociedade de informação. O que isso significa? Ver com olhos sensíveis o bastante para enxergar o invisível, que nada mais é do que o demasiadamente visto e, por isso, não observado. É voltar nossa visão ao que é desprezado ou desprezível, ao que é considerado insignificante pela cultura filisteia de hoje, que nos acostumou a procurar utilidade em tudo sem qualquer assombro. É montar um baú de insignificâncias [...]

(PEREGRINO, 1984, p.03)

Poemas abrem janelas! E abrem até as mais enferrujadas.

Mas isso é bobagem.

Nesse espaço eu tenho que escrever seriedades, pois quem se importa com janelas enferrujadas?

Quem se importa com o pote que pariu rosas e o com o sapo, que também se fizera um canteiro arrumado?

Nesses pensamentos variados eu me permito admitir que um ventre carregado de rosas é belo!

E quem, num momento suspenso, não diria o mesmo?

Sabe que criança é uma coisa boa pra se observar, a fim de estabelecer referências nesses argumentos.

Quando a criança anda pelo mundo ela fica disponível a ponto de encontrar um pote e um sapo em decomposição e brincar com essa imagem.

Quantas crianças não brincam que pétalas de flor são unhas vistosas e perfumadas, que escadas deitadas no chão formam um espaçoso ônibus para viajar, que pregadores são competitivos carros de corrida, que canetinhas ou lápis coloridos viram famílias inteiras de bonecos, sem contar os legumes que, com palitos espetados, se transformam em bichos de toda ordem? Quem diria, folha de mamona servindo de

guarda-chuva ou sombrinha, caquinhos fazendo as vezes de preciosos pratos de porcelana para bonecas e pedrinhas como gado reunido num vasto pasto.

(KLISYS, 2010, p.49)

A imagem é material fértil para poesia da vida, o exercício de olhar depois de um tempo se torna muito difícil para a grande maioria das pessoas... A criança apaga e só fica a poeira.

O pote e o sapo já são esculturas do tempo, reféns da dura realidade de estar no tempo. Mas, o poeta é brincalhão e bota fertilidade até no vento desinteressado, no passarinho desarrumado, o movimento traz a semente...

O pote e o sapo não possuíam mais utilidade, eram só o vazio.

Nascimentos!

Nasce do ventre seco um canteiro:

As chuvas e os ventos deram à gravidez do pote forças de parir. E o pote pariu rosas. E esplendorado de amor ficou o pote! De amor, de poesia e de rosas. (BARROS, 2008, p.107)

...

Colocaria nesse estado vazio, do desútil, a possibilidade de parir belezas.

A disponibilidade para nascimentos vem da barriga oca...

Quantas descobertas não advêm do estado à toa, de quem está com a alma aberta vagueando para novos encontros? (KLISYS, 2010, p. 164)

No caso o pote pariu as rosas porque tinha espaço para acolhê-las no seu ventre cheio de nada.

Manoel causa estranhamentos, sua palavra não está lá fadada a comunicar algo, é uma nova dimensão, um espaço, palavra concreta, compõe paisagens.

Assim como a criança que brinca não está buscando uma finalidade, ela não brinca com a intenção sistematizada de grandes descobertas; mas quem dirá que o brincar é dispensável? Afinal, aceitar a (in)utilidade do brincar é conceber a aprendizagem enquanto experiência do corpo (Fronckowiak, 2011).

Somos seres corporais, corpos em movimento. O movimento tem a capacidade não apenas de modificar as sensações, mas de reorganizar o organismo como um todo, considerando a unidade mente-corpo.

(NÓBREGA, 2005, p. 607)

Disso diz muito a nossa forma de se relacionar com o mundo, nesse caso é uma relação que precisa ser cuidadosamente observada, pois diz respeito aos côncavos do corpo, lugares pouco habitados pela razão, que muitas vezes nos metem medo.

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto de palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
Como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse formato de  
canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.  
(BARROS, 2008, p.43)



É a poética do nada, que leva para sensação. Estar no mundo para o poeta é um estado de infância.

Esse processo inverso de dar importância às coisas desimportantes, aos seres desimportantes é ter gosto pela cultura infantil, que é manifesto da relação íntima com o mundo como um todo. O chão, a água, formigas e pedras; tudo é criação, movimento e poesia nas mãos de uma criança. É o corpo que se envolve no processo.

O que não se pode negar, entretanto, é que as crianças podem muito mais do que ser o que não são, ou o que ainda não são, durante as brincadeiras. Nelas, impulsionadas pelo desejo de se apropriarem das coisas do mundo, que inclui não somente o imaginário, mas também o afetivo, o corpo, o sonho, o prazer, o riso, o inegável também é que, em contato com um mundo de significações, as crianças pequeninhas são capazes de transcender, ir além das aparências das coisas e as representarem de maneira independente da singularidade ou da materialidade daquilo que perceberam, conheceram, ou tomaram contato. Movimento, as crianças estão sempre prontas para

mostrar outras novas possibilidades para e nesta apropriação. Desta forma, elas podem também ser o que são, expressando as diferentes dimensões humanas constitutivas do ser e tornando-se crianças a sua moda. (PRADO,1998 )



FONTE: CARLOS DALA STELLA.

O olho é a nossa máquina de olhar, mas isso não significa que ele está fadado a ver apenas aquilo que é. Nesse estar criança nós quebramos a máquina e usamos todos os nossos recursos para ver o mundo sem as lentes já capturadas.

É como um convite para olhar por um caleidoscópio! Os encontros são infinitos, são as possibilidades do brinquedo, caleidoscópio significa “instrumento para ver o belo”. E podemos metaforizar a vida, nessa ciranda de encontros cheia de possibilidades, sensibilidades, criação, invenção e reinvencção do mundo (Klisy, 2010, p. 175).

Aqui celebramos o nada!

Para que a partir dessa (des) construção, possamos admitir um vaguear, uma vadiação, um exercício de ser vagabundo; para estarmos a disposição da poesia, assim como Manoel de Barros e as crianças.

## CONCLUSÃO

Se você chegou até aqui;

Que pena, perdeu um tempo em que você poderia estar no balanço do parque ou na feira enfiando a mão nas sementes...

Brincadeira! Estou te pentelhando!

Pois a intenção desse trabalho é te pentelhar, e se você não ficou com sensação nenhuma eu recomendo que respire mais no peito, solte som, tente escutar os passarinhos (é! Eles cantam o dia todo; e o bem-te-vi quando vai chover, perceba...), tente achar um desenho na parede, olhe para os seus dedões do pé, enfie os dedos por baixo dos cabelos, tome um sorvete... Sei lá!

A questão é só que eu sou uma estudante de pedagogia, inserida no campo acadêmico, frustrada por não ter conseguido entrar em artes cênicas, porém feliz por ter descoberto mais esse papel em mim, o de ser educadora e de ter sobrevivido a todas as amarras, porque a academia engessa e a escola exige altos voos, me tornei amante da poesia do Manolo e quase não consegui escrever esse trabalho porque quando me apaixono me perco demais no tempo.

Quase ia me esquecendo, eu gosto de café passado na hora!

Achei importante colocar isso aqui porque temos pouco espaço para falar dos nossos prazeres...

Pois é, por fim, esse trabalho acabou sendo um pequeno prazer.

Aceitar minhas ignorâncias, minhas limitações, meus medos; me fez abrir espaço para perceber meus impulsos de vida. Precisei reconhecer as qualidades que eu não possuía para que desse vazão nasceresse minhas sinceridades. Desaguei com alegria...

Compartilho que, o que me ajudou foi encontrar o poema “Os deslimites da palavra”, onde um canoeiro, por conta de uma enchente, fica vagando por cima das águas por três dias e três noites, sem comer e sem dormir e com isso começa a ter delírios frásicos. (Barros, 2010, p.305)

O canoeiro não tinha rumo, lhe restava o nada, lhe restava viver aquela situação e fazer dela belezas.

É essa a sensação!

Me restou fazer belezas com a poesia de Manoel de Barros, que é cíclica: é morte, nascimento, morte, nascimento...

## REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel. “Conversa de poesia, exercício de prosa” In: MULLER, A. (org.) Encontros – Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

\_\_\_\_\_, Manoel. “Poesia completa”. São Paulo: Leya, 2010.

\_\_\_\_\_, Manoel. “Memórias inventadas - as infâncias de Manoel de Barros”. São Paulo: Planeta: 2008.

CASS, Amanda; “The art of Love” Disponível em: [www.redbubble.com/people/theartoflove/collections/97955-life](http://www.redbubble.com/people/theartoflove/collections/97955-life) Acesso em 05 de jan de 2014.

FRONCKOWIAK, A.; “Poesia e infância: o corpo em viva voz” In: Pro–posições, v.22, n.2, p. 93-107, Campinas, 2011.

KLISYS, Adriana; “Quer jogar?”, SESC – São Paulo, 2010.

LEITE, C. “Infância, experiência e tempo”. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LEMISKI, Paulo; “Quarenta Clics em Curitiba”, cia. das Letras, 1976.

ORLANDI, Luiz B. L. “Deleuze”. In. PECORARO (Org.). Os filósofos: clássicos da filosofia: v. III. Petrópolis: Vozes, 2009. Págs. 256 – 279.

ROLNIK, S. “Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético / estético / política no trabalho acadêmico”. In Cadernos de subjetividade. São Paulo. V. 1 e 2. Set. fev. 1993. Páginas 241 -251.

## Bibliografia:

ANDRADE, Oswald de. A utopia antropofágica. São Paulo: Globo, 1995.

ANDRADE, Oswald de. Estética e política. Organização, introdução e notas de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada. Vidas contadas e histórias vividas. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BLOOM, Harold. Anatomía de la influencia. La literatura como modo de vida. Madri: Taurus, 2011.

BLOOM, Harold. Um mapa da desleitura. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis”. In SZTUTMAN, Renato (Org.). Encontros Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008. Págs.: 226 – 259.

DELEUZE, G. A ilha deserta. Organização da edição brasileira e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G. Conversações: 1972 – 1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOMINGUES, D. (Org.). Arte e vida no século XXI. Tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

GUATTARI, F. Caosmose. Um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F. e ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

MEIER, C. Política e graça. Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora da UNB, 1997.

PELBART, P. P. A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PELBART, P. P. Vida capital. Ensaio de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.